



A Valorização da Oralidade e das Linguagens no Ensino de Radiojornalismo¹

Mágda Rodrigues da Cunha²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O espaço das linguagens relacionadas às mídias no ensino de Radiojornalismo é objeto de reflexão neste texto. Amparado no conceito de cultura, propõe um questionamento sobre as escolhas dos currículos, apoiados nos suportes tecnológicos e na escritura, em um contexto de profundas modificações do ambiente midiático. Traz de volta uma discussão antiga, oralidade x escritura, mas que merece ser revisitada. O enfoque está voltado ao espaço da oralidade no ensino de radiojornalismo, hoje desvalorizado em relação a outras técnicas de ensino.

Palavras-chave

linguagens; jornalismo; ensino; rádio

O ouvido não favorece nenhum ponto de vista especial. O som nos envolve e não podemos silenciá-lo automaticamente. Mesmo que um espaço visual seja um contínuo organizado uniformemente ligado, o mundo do ouvido é um mundo de relações simultâneas. Esta idéia de simultaneidade, conforme o pensamento de Marshall McLuhan (1967), vem sendo desconsiderada pelo ensino radiofônico num contexto de mudanças pelas quais passam os currículos dos cursos de Jornalismo. Muitos tentam sair de um modelo pré-estabelecido pelo Ministério da Educação, para uma situação que oferece a possibilidade de optar por ênfases ou redistribuição de disciplinas.

A revisão curricular se justifica devido às profundas mudanças pelas quais vem passando a área, influenciadas especialmente pelo desenvolvimento tecnológico à disposição da Comunicação Social. Também se faz necessária pela demanda por um novo perfil de profissional, capaz de aprender a pensar e a tomar decisões, conforme refletem os especialistas. Novas habilidades hoje são demanda para o exercício profissional do jornalista.

Mas que jornalista os cursos querem ou podem realmente formar? É possível construir um currículo capaz de contemplar as necessidades da profissão, numa fase de

¹ Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídia Sonora, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Comunicação Social, doutora em Letras, professora de Radiojornalismo da Famecos/PUCRS e do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. mrcunha@puers.br



profundas mudanças, cujos rumos podem ser inferidos, mas constituídos de total incerteza?

Neste contexto, que escolhas estão fazendo os cursos na área de Radiojornalismo?

Meditsch (2001) abre o debate quando descreve o cenário confuso do ensino de radiojornalismo diante do surgimento e avanço da internet. Considera ambíguos os conceitos a respeito das definições de internet e de rádio como meios de comunicação, propondo, a partir de Arnheim, uma distinção entre "meio de transmissão" e "meio de expressão". Entende que um profissional multimídia deve ter uma sólida formação em rádio e demonstra como a evolução tecnológica facilita esta tarefa pedagógica. Meditsch entende que estão confusos os estudiosos do meio, em um contexto de incerteza e angústia que cerca os profissionais da área.

O ensino de radiojornalismo passa, de fato, por um momento que merece profunda reflexão e porque não dizer revisão. Mas se o rádio é um sobrevivente a cada novo meio, tem sido o mais abrangente dos veículos, atingindo elevados índices de audiência, com ensino de grande credibilidade, a melhor escolha não seria manter os modelos como estão?

As propostas de ensino ainda contemplam os gêneros e apontam para a notícia, a reportagem, a entrevista, e programas, entendendo que tudo isto segue e seguirá sendo veiculado no já conhecido modelo radiofônico. Muito se privilegia o texto, a escrita transformada depois em oralidade. Entende-se que o pensamento pode ser construído e organizado por intermédio da escrita para posterior leitura. Neste caso, o próprio rádio deixa de lado a oralidade, abandona a construção do pensamento que simultaneamente se transforma em fala, em áudio.

O ensino deixou de lado as linguagens da comunicação e assumiu que os meios, os suportes tecnológicos, sejam eles quais forem, determinam o formato da informação. Obviamente que rádio é feito de som, TV de imagem, jornal de textos e fotos. Mas o processo de ensino não precisa obedecer exatamente aos critérios e modelos ditados por um contexto mercadológico, ainda mais diante do cenário que se desenha, considerando conceitos de convergência de linguagens e mesmo suportes.

Os cursos de Jornalismo, usualmente, sentem dever satisfação ao texto impresso, considerado a base da profissão. A linguagem do áudio no rádio ficou para trás. Têm os alunos destes cursos condições de pensar e falar ao mesmo tempo? Têm eles habilidade de pensar, buscar referências em seus próprios conhecimentos? E não se fala aqui sobre



preparação intelectual deficiente de futuros jornalistas, mas de trabalhar o pensamento, a articulação, o domínio das linguagens, da provocação aos olhos e ouvidos e não somente das técnicas que acompanham os meios. O radiojornalismo depende da capacidade do jornalista de construção da fala simultaneamente ao pensamento. Para isto, é necessário respeitar a linguagem, o som, o áudio, a oralidade.

Linguagem aqui entende-se, como apresenta Souza(2001), para quem somos conforme a linguagem que utilizamos para dizer uns aos outros quem somos. Segundo ele, o processo social criou, ao longo da história recente, o que chamamos mídias, meios de comunicação social. O estar-junto passou a ser necessariamente mediatizado pelas técnicas de comunicação. O conhecimento dessas técnicas passou a ser o novo componente sobre o qual as linguagens se constroem e, em consequência, também se constrói o que chamamos de cultura. As linguagens não são as tecnologias, mas o sentido dado a elas, criado a partir delas. A reflexão aqui desenvolvida está amparada no conceito de cultura, linguagem e história e considera uma situação de inter-retro-ação, apoiada no pensamento de Morin (1995).

O próprio Souza (2001) relembra que durante quase 18 séculos a humanidade vive dentro de um processo comunicacional dependente dos códigos da escrita, chegando a um presente em que todo o processo social ainda depende da escrita. Nos últimos 200 anos, porém, começa uma nova revolução, que cria uma segunda linguagem, um segundo modo de se compreender a sociedade, de se compreender a relação das pessoas entre si. Trata-se da chegada da imagem eletrônica. “A imagem, presente e percebida desde a Antiguidade, é agora redescoberta e publicizada pelos suportes tecnológicos.” (Souza, 2001:10) Nasce uma terceira linguagem que é a multimídia. Porém, muitos estão dentro de uma idade que se confunde ainda com o predomínio da escrita e outros já avançaram. Isto resulta de uma co-existência de linguagens e também de suportes midiáticos.

Neil Postman, citado por Castells(1999), afirma que “não vemos a realidade como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossas mídias, nossas mídias são nossas metáforas, nossas metáforas criam o conteúdo da cultura.” Entende como indissociável considerar mídia sem linguagem ou vice-versa e considera que esta composição cria o conteúdo da cultura.

Traçando um paralelo entre a oralidade e o desenvolvimento da escritura, Zumthor (1993) relembra que, desde McLuhan, é conhecida a complexidade da relação que opõe a escritura à voz. A escrita, por sua vez, não se confunde nem com a intenção



nem mesmo com a aptidão de fazer da mensagem um texto. Ela tem sua história e seu ritmo próprio de desenvolvimento. A textualidade tem os seus, assim como as mentalidades escriturais.

As modalidades de escritura condicionam a leitura que, mesmo depois da invenção da imprensa, permanece difícil e, mesmo para os letrados, pouco comum. Ela tem, antes de mais nada, de superar obstáculos materiais, como a pouca maneabilidade de vários volumes ou a má iluminação, além da diversidade dos estilos de escritura e do emprego de uma língua bastante diferente da fala cotidiana.

A força da palavra falada está, antes de tudo, ligada à linguagem e à cultura. O rádio, tendo como suporte esta palavra falada, que é também oralidade e áudio, insere-se na cultura. Muitas são as controvérsias que acompanham o valor da oralidade, especialmente se comparada à escrita. Todavia, são suportes com características diversas e que não podem ser comparados, mas considerados dentro de uma mesma cultura.

A oralidade está ligada aos primórdios da existência humana e, mesmo com a evolução das espécies, é uma marca nunca abandonada. Descrita como primária, secundária ou mista, a oralidade está presente nas diferentes sociedades. Com a oralidade, as grandes polêmicas, historicamente, ganham lugares públicos, seja pela poesia na Europa dos séculos X ao XV, seja no séculos XX e XXI pela comunicação.

Assim como os meios têm sua trajetória própria, a escrita não se confunde com a voz. Tem seu ritmo próprio de desenvolvimento. O texto falado é um novo texto, uma vez que as diferentes formas de expressão oral têm forte influência sobre a escritura. Trata-se de uma nova produção de sentido ou um novo fato a partir da narração.

As diferentes sociedades encontram meios específicos, como o rádio para a voz, a impressão para a escrita e assim por diante. Os meios respondem, são apropriados e se acomodam às exigências da humanidade, convivendo, estacionando ou, em muitos casos, desaparecendo. Isto ocorre conforme a apropriação e o preparo social para sua utilização. Estão nesta base o fato de o ser humano ser predominantemente visual e verbal. Não há sociedade sem música e sem palavra. Oralidade permanece sempre sendo oralidade, mas existindo por intermédio de diversas formas de transmissão da palavra criadas pelo homem.



Linguagens e suportes tecnológicos têm sido confundidos nas avaliações sobre o atual cenário mídiático, tornando confusa a importância de cada um no processo. O que realmente se mantém e o que passa por re-acomodação é que deve nortear as reflexões. Linguagens têm acompanhado a humanidade, têm existência a partir dela e suportes ou plataformas se modificam. A permanência está associada às linguagens, que sobrevivem às tecnologias criadas pelo homem para se comunicar.

Entende-se que as linguagens estão na base e que, relacionadas aos meios, interferem e são, simultaneamente, resultado da cultura. Os meios são resultado do interesse e necessidade de comunicação, tornando-se elementos da cultura. O pensamento aqui está baseado na escrita, na oralidade e no áudio, na imagem e agora também na multimídia. Segue o pensamento de Souza (2001) que entende a linguagem já influenciada pelos meios. O sentido produzido historicamente é parte, mas também influencia e é influenciado pela cultura, que interfere, conforme objeto desta reflexão, a construção do ensino de Jornalismo.

A cultura, no pensamento de Barthes (1988:69), é tudo e é também linguagem. Ambas estão relacionadas a certas regras que vêm de uma lógica milenar da narrativa, que constitui a pessoa antes do nascimento. Autores e leitores, sugere Barthes (1988), não são mais do que uma passagem desse imenso espaço cultural.

Barthes (1988:105) reflete que encontram-se hoje no organismo vivo as mesmas estruturas que no sujeito falante, pois a própria vida está construída como uma linguagem. Em resumo, tudo é cultura, da roupa ao livro, da comida à imagem, e a cultura está por toda a parte, de uma ponta à outra das escalas sociais. Essa cultura, decididamente, é um objeto bem paradoxal: sem contornos, sem termo oposicional, sem resto.

Santaella (2003:13) faz uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital. Salienta que tais divisões são pautadas na crença de que os meios, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, mesmo sendo meros canais de transmissão de informação, são capazes não só de moldar o pensamento, “mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes sociais.” A cultura aqui está em situação de diálogo com os diferentes períodos históricos de surgimento e desenvolvimento das linguagens e das mídias.



A autora destaca que não são períodos culturais lineares, com o desaparecimento de uma era para surgimento de outra. Há sempre um processo cumulativo de complexificação, “uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações.” Santaella (2003:13) Afinal, segundo ela, a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes.

Neste texto, não é objetivo fazer uma defesa da oralidade em detrimento da escrita ou mesmo sugerir que o texto deva ser abandonado nos cursos de Jornalismo. A construção até aqui procura evidenciar a relevância das linguagens, como fator de permanência independente dos meios aos quais estejam associadas. Os cursos precisam acompanhar o desenvolvimento tecnológico, mas é esta mesma evolução que pode encontrar currículos desprevenidos, tamanha é hoje sua velocidade.

Procura-se também trazer à luz uma construção curricular influenciada pelas marcas da cultura que mantém a primazia do texto no ensino de Jornalismo. Como afirma Zumthor (1993), a textualidade tem o seu ritmo próprio de desenvolvimento, assim como as mentalidades escriturais. As modalidades de escritura condicionam a leitura. O texto falado é um novo texto, uma vez que as diferentes formas de expressão oral têm forte influência sobre a escritura. Trata-se de uma nova produção de sentido.

Ong (1998:15) afirma que os seres humanos comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos. Num sentido profundo, a linguagem, o som articulado, tem importância capital, pois a comunicação e “o próprio pensamento estão relacionados, de forma absolutamente especial, ao som.”

Mesmo considerando rica a linguagem gestual, Ong(1998) considera que as linguagens de sinais sofisticadas constituem substitutos da fala e são dependentes de sistemas de discurso oral, até mesmo quando usadas por surdos de nascença. Para ele, sem dúvida, “a oralidade básica da linguagem é constante.” (Ong, 1998: 15) A expressão oral, de acordo com o autor, pode existir e na maioria das vezes existiu, sem qualquer escrita. Mas nunca a escrita sem oralidade. “Os seres humanos, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não “estudam.”(Ong, 1998:16)

E o ensino de radiojornalismo está respeitando a oralidade? A reflexão neste texto sugere um ensino de jornalismo e mais especificamente de radiojornalismo tendo como



referência as linguagens. Enquanto as separações se dão pelos suportes tecnológicos, poderiam ocorrer a partir da oralidade, da imagem e da escrita. O que os cursos acabam fazendo pode ser descrito como um curvar-se às tecnologias, mesmo que em muitos ambientes o debate seja contrário ao que alguns consideram cursos tecnicistas, apoiados nas novas demandas do mercado e da sociedade em geral.

Os estudantes de jornalismo devem realmente aprender a pensar, devem ter autonomia de pensamento. Para isto, independente do meio que dá forma ao conteúdo, devem estar preparados a partir do conteúdo, mas também do exercício do pensar, raciocinando, falando, refletindo a respeito de imagens.

Conteúdo e forma, tecidos juntos, são agora, mais do que em qualquer outro momento, soberanos em qualquer processo de produção em comunicação. Certas variáveis devem ser consideradas para esta avaliação. Os suportes tecnológicos, associados às diferentes linguagens, têm evoluído e se modificado, conforme as demandas da sociedade e o rádio é um exemplo. Todavia, oralidade e áudio permanecem como formas de narrar e existindo em forma de simultaneidade. Isto porque, independente de qualquer suporte, estão ligados à linguagem, à lógica milenar da narrativa.

Escolher o caminho das linguagens, no caso da oralidade, para o ensino de radiojornalismo, não quer dizer priorizá-las em relação ao conhecimento. Significa retomar dentro dos currículos o espaço da linguagem. Conteúdo e critérios jornalísticos, conhecimento, técnica e linguagens podem conviver em perfeita harmonia. Deve-se buscar uma complexidade maior nestas construções, não excluindo, mas trabalhando em complementaridade. Um jornalista com conhecimento, técnica e que tenha construído seu aprendizado com base nas linguagens das mídias tem permanência e atualidade. Todavia, o que são adestrados pelas mídias, dificilmente conseguem acompanhar as mudanças.

Em um cenário de profundas modificações, a forma de construir um currículo com permanência por pelo menos cinco anos, estaria em dar às linguagens das mídias um lugar de destaque. Este pensamento sofre, é claro, a influência dos conceitos que apontam para a convergência midiática, ou mesmo para idéias como de Heródoto Barbeiro, citado por Meditsch (2001), para quem o rádio atual está com os dias contados



para a obsolescência, tragado pela internet, apostando no veículo multimídia como seu sucessor.

A reflexão deste texto não busca o debate sobre o futuro das mídias e nem entende que o pensamento deva girar em torno do desaparecimento de uma mídia diante do surgimento de outra. Esta tese torna-se um pouco ultrapassada quando se recorre a autores que refletem sobre as rupturas provocadas na sociedade pelo surgimento de novas mídias. O pensamento aqui está alinhado com a idéia de Santaella quando aborda o caráter cumulativo das eras culturais, ressaltando a não linearidade do processo. Coincide com as três idades da linguagem descritas por Souza (2001): a oralidade, a escrita e a imagem eletrônica, multimídia. Souza compara este caráter de *continuum* a um *degradé* de condições de acesso às linguagens, segundo as tecnologias, de forma extremamente diferenciada.

A sociedade vive agora uma relação diferente com o tempo e a velocidade das mudanças. Concordando-se ou não com a existência de um forte impacto, as modificações estão ocorrendo e os jornalistas continuam passando por uma formação, cujas marcas estão nos primeiros cursos surgidos no Brasil há mais ou menos 50 anos.

Com a mobilidade e a velocidade, o homem desenvolve tecnologias de comunicação que estão determinando um novo relacionamento com a narração jornalística dos fatos. Narrador e receptor vivenciam outra relação com o tempo, o espaço e as técnicas disponíveis, aprimoradas para maior alcance e independização crescente da audiência. O alcance às diferentes possibilidades de narrar provoca a reflexão sobre o ensino na área.

Se a universidade deve ser propulsora das mudanças, precisa também experimentar. Deve se apropriar das mudanças e interferir na cultura. É urgente que os cursos de Jornalismo comecem a fazer experiências, deixando a tradição de reproduzir o mercado da área. Neste cenário de mudanças velozes, nem mesmo este conhecido mercado jornalístico tem segurança sobre seus rumos e suas escolhas.

É preciso inventar novas atitudes no ensino de jornalismo, sob pena de os cursos serem ultrapassados pelos chamados repórteres-leitores, ouvinte-repórter, blogueiros e tantos outros conceitos que começam a se desenhar. E a proposta aqui não é revolucionária, não propõe modernas tecnologias digitais. Sugere simplesmente respeitar e dar espaço às linguagens para buscar uma base de ensino permanente e ao



mesmo tempo em constante movimento, considerando-se que ao final de quatro anos, com as rápidas mudanças, o aluno pode estar em situação de obsolescência.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

_____; FIORE, Quentin. El medio es el mensaje. Un inventario de efectos. Buenos Aires: Paidós, 1997.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. In DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.

_____, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999.

ONG, Walter. Oralidade e Cultura escrita. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, Mauro Wilton. Novas linguagens. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

